

LITERATURA

Um mestre da história curta

MOACYR SCLiar *

O golpe de 64 ensinou à minha geração o caminho do Uruguai e da Argentina, à época ainda gozando de liberdade, que depois seria também sufocada por ditaduras militares.

Era uma longa viagem de ônibus, longa e cansativa. Mas compensadora: por causa de filmes como *A Laranja Mecânica*, burramente proibido no Brasil, por causa de peças de teatro, mas, sobretudo, por causa dos livros. Percorrendo as notáveis livrarias de Buenos Aires e Montevidéu, descobri, ao lado da literatura política que era o foco de meu interesse, dois escritores que de imediato me surpreenderam e encantaram: Julio Cortázar e Jorge Luis Borges.

Dois nomes paradigmáticos, constantemente evocados. Agora mesmo a Civilização Brasileira – também um símbolo de resistência – acaba de lançar, em primorosa tradução de Gloria Rodríguez, mais uma edição de *Octaedro*, uma coletânea de contos que apareceu pela primeira vez – curiosa coincidência – em 1964. São oito histórias típicas do grande escritor argentino, falecido em 1984. O inquieto Cortázar fez experiências em muitos gêneros – romance, reportagem, ensaio – e tais experiências incluíram até certa pirotecnicidade formal (como é o caso das composições gráficas de *A Volta ao Dia em 80 Mundos*), mas não resta dúvida que se realizou com mais plenitude no conto, gênero sobre o qual, aliás, escreveu excelentes reflexões. Dois conceitos, que ele não criou, mas que valorizou, são essenciais para a compreensão de seu trabalho. Um é o da “explosão”; o conto tem de surpreender, de chocar até o leitor, sobretudo em seu final, algo que Maupassant e Poe já haviam destacado. O outro é o do “estranhamento”, a capacidade de descobrir o insólito, o inusitado por trás do habitual, do banal. Isso também não é novo; já estava em E. T. Hoffmann e, é claro, em Kafka. Mas, em *Octaedro*, Cortázar revela-se mais próximo de García Márquez do que desses autores. O realismo fantástico latino-americano conseguiu neutralizar o pesado gótico literário com o humor, a sátira (quase sempre política), a transbordante emoção peculiar aos latinos, aos argentinos sobretudo. Cortázar, que viveu muitos anos exilado em Paris, trabalhando para a Unesco, é, no entanto, um autêntico portenho, o que se evidencia sobretudo na paixão que é uma tônica em seus personagens. Não chega a transformar a vida em um tango, mas é quase isso. Cortázar cultivava a palavra até o nível do barroco, mas a vida, o cotidiano, estão sempre presentes em seu texto. Aliás, o único conto frustrado neste volume, *Os Passos*

Ganham nova edição no Brasil os contos fantásticos de “Octaedro”, de Julio Cortázar, escritor argentino que foi símbolo da resistência política nos anos 60

no *Rastro*, peca exatamente por trocar a vida pela literatura. O que temos ali é a história de um escritor que escreve sobre outro escritor, que o glorifica mas depois descobre que é um safado – enfim, as habituais fofocas que fazem parte da chamada vida literária. Cortázar sabe disso; na epígrafe rotula *Os Passos no Rastro* de “crônica um pouco tediosa”, ao estilo de um “Henry James que tivesse tomado chimarrão em qualquer pátio portenho”. Só que Henry James e chimarrão são, e Cortázar sabe disso, absolutamente incompatíveis.

Paris e o metrô aparecem muito nesse livro e dão origem a uma história curiosa. *Manuscrito Achado num Bolso*, sobre encontros entre um homem e uma mulher no metrô. Início de um romance? Não: o homem propõe à mulher que se separem, para ver se o destino um dia os reunirá de novo em um vagão. Em *As Fases de Severo*, Cortázar fala de um doente que passa por perturbadoras, surrealistas fases: a fase do suor, a fase das traças (em que fica coberto por esses insetos), a fase dos números, na qual atribui misteriosos números às pessoas que o rodeiam. Mas essa cabala é devidamente neutralizada quando, no final, diz o narrador que o melhor era “fumar e tomar chimarrão, essas coisas que ajudam”.

Nos anos da repressão, Cortázar era preferido a Borges. Afinal, tratava-se de um escritor de esquerda, corajoso, comprometido profundamente com o ser humano, ao passo que Borges parecia um aristocrata das letras, distanciado o suficiente da realidade para apoiar Pinochet – um gesto que provavelmente lhe custou o Nobel. Hoje, porém, não resta dúvida de que Borges está muito mais em evidência do que Cortázar. O que é compreensível: a sua literatura elegante e rica em imaginação, porém cerebral, desprovida da efusão apaixonada de Cortázar, apela muito mais à época em que vivemos, uma época de “pós”: pós-industrialismo, pós-comunismo, pós-modernismo. Cortázar acreditava: no amor, na amizade, no ideal socialista. Borges é, antes de tudo, um cético – um cético ao qual não falta sabedoria, mas um cético mesmo assim. Em matéria de jogo ficcional, ele é indiscutivelmente superior a Cortázar. E jogo ficcional é algo inteiramente compatível com uma época dominada pelo jogo do mercado.

* *Escritor e jornalista, autor de A Mulher que Escreveu a Bíblia*

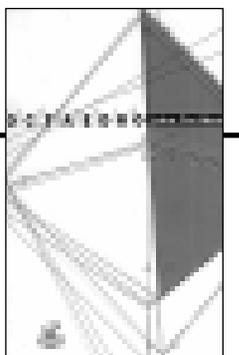


O argentino Julio Cortázar (1914 – 1984), autor de “O Jogo da Amarelinha”

Um trecho

“É verdade que escrever de vez em quando me acalma, será por isso que há tanta correspondência de condenados à morte, sabe-se lá. Inclusive me diverte imaginar por escrito coisas que apenas pensadas de repente nos entopem a garganta, sem falar das glândulas lacrimais; nas palavras me vejo como se fosse outro, posso pensar qualquer coisa desde que a escreva logo em seguida, deformação profissional ou alguma coisa que começa a amolecer nas meninges. Só me interrompo quando chega Liliana, com os outros sou menos amável, como não querem que eu fale muito, deixo-os contar se faz frio ou se Nixon vai ganhar de McGovern, com o lápis na mão eu os deixo falar e até Alfredo percebe e me diz que continue, que faça como se ele não estivesse ali, trouxe o jornal e vai ficar ainda um pouco. Mas minha mulher não merece isso, a ela eu ouço e lhe sorrio e me dói menos, aceito esse beijo um pouquinho úmido que volta uma vez ou outra, embora cada dia me canse mais que me barbeiem e devo machucar-lhe a boca, pobre querida. É preciso dizer que a coragem de Liliana é meu melhor consolo, ver-me já morto em seus olhos me tiraria esse resto de força com que posso falar-lhe e retribuir algum de seus beijos, com que continuo escrevendo apenas ela sai e começa a rotina de injeções e das palavrinhas simpáticas.”

Do conto *Liliana Chorando*, do livro *Octaedro*, de Julio Cortázar



O QUE: *Octaedro*, livro de contos de Julio Cortázar. Tradução de Gloria Rodríguez. Civilização Brasileira, 128 páginas

QUANTO: R\$ 19